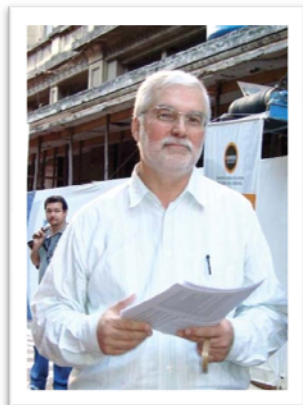


ENTREVISTA E HOMENAGEM



Paulo Kroeff é Psicólogo, Psicoterapeuta, Doutor em Psicologia pela Universidad Autónoma de Madrid (Espanha). Mestre em Educação, na área de Aconselhamento e Serviços Psicológicos, pela Georgia State University, Atlanta, GA., Estados Unidos da América. Especialista Universitário em Terapia de Casal e Família, pela Universidad Pontificia Comillas, Madrid, Espanha. Formação em Logoterapia pela Sociedade Brasileira de Logoterapia. Professor do curso de Especialização em Terapia de Casal e Família da Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Professor aposentado da referida Universidade, onde exerceu diversos cargos, além do cargo de professor, como Chefe de Departamento e Diretor do Instituto de Psicologia. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Logoterapia, quando de sua criação, ocupando o cargo de presidente da Comissão Científica, na primeira Gestão da entidade. Presidente da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial – ABLAE, no período 2010-2012. Professor dos cursos de especialização em Logoterapia da Associação de Logoterapia Viktor Emil Frankl - ALVEF (Curitiba - PR) e do Instituto de Educação e Cultura Viktor Frankl – IECVF (Ribeirão Preto – SP) e do Curso de Formação em Logoterapia do Instituto Geist (São Luís – MA). Autor de diversos artigos publicados de Logoterapia, no Brasil, no México e na Espanha. Autor do livro “Possibilidades e desafios da pessoa com deficiência – Contribuições da Logoterapia e da Teoria Sistêmica” (Publicado em 2012, pela Editora IECVF, de Ribeirão Preto, São Paulo). Membro do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Rio Grande do Sul – COPEDE, do qual já foi presidente e ex-integrante do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – CONADE (Brasil).

ENTREVISTA COM PAULO KROEFF

Como foi seu primeiro contato com a Logoterapia e a Análise Existencial de Viktor Frankl?

Meu primeiro contato com a obra de Frankl foi durante o curso de graduação em psicologia (1970-1974). Estudava na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. A PUC resolveu criar uma disciplina nova, contra a qual a turma toda se rebelou, por dois motivos: a disciplina não constava da grade curricular, originando então um gasto adicional que não queríamos

assumir e ela não despertava interesse na turma, que temia que aquela disciplina, nomeada de Cultura Religiosa, seria na verdade, “catecismo”, não tendo nada a ver com a dita “Cultura Religiosa”. Após uma negociação com a direção do curso, aceitamos fazer a disciplina, mas não tendo que pagar os créditos correspondentes. E a disciplina, ministrada por um padre – à época – e também psicólogo, revelou-se uma grata surpresa. Estudamos três obras completas: “O futuro de uma ilusão”, de Freud; duas obras de autores diferentes (Fromm; Zilboorg), mas com o mesmo nome: “Psicanálise e Religião”, e parte do livro “O homem em busca de sentido”, de Frankl, este só disponível em cópia xerográfica. A disciplina proporcionou uma cultura psicológica importante quanto à forma de o ser humano abordar a temática religiosa. De Frankl, na época, o que mais me impactou foi sua vivência no campo de concentração. Depois disso, Frankl e a logoterapia não foram mais abordados durante o curso de psicologia.

Mais tarde, em 1977, fazendo o mestrado nos Estados Unidos, por acaso, encontrei em uma livraria, o famoso “Man’s search for meaning”. Foi uma experiência importante ter acesso a essa obra marcante de Frankl. Mas durante o mestrado, a Logoterapia não foi mencionada.

Alguns anos depois, encontrei, também numa livraria de livros usados, a que possivelmente seja a obra mais significativa de Frankl: “Psicoanálisis y Existencialismo”, o que me proporcionou um aprofundamento na Logoterapia. Mas não encontrava ninguém no Brasil que conhecia ou trabalhava com a obra de Frankl.

Paulo, em 1984, você conheceu pessoalmente Viktor Frankl. Quais foram as suas principais impressões a partir desse contato pessoal?

Em 1983 fui surpreendido por um convite, de uma pessoa que eu não conhecia à época – a psicóloga Izar Xausa - para participar da organização de um evento que traria Viktor Frankl a Porto Alegre. Passei a colaborar na Comissão Organizadora Geral e na Comissão Científica do que viria a ser I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial – Logoterapia, realizado em 1984, que surpreendeu a todos pela enorme repercussão do evento, reunindo centenas de pessoas do Brasil e da América Latina interessadas em conhecer mais a obra de Frankl.

Naquela época, pré-internet, a circulação de informações não era tão fácil nem muito rápida. Eu não havia visto nenhuma foto de Frankl. Sabia dele somente o que lera em seus livros. Sabedor de que era um sobrevivente de campos de concentração nazistas e sabendo de sua idade, havia fantasiado uma pessoa muito magra, alquebrada e frágil, por aquelas experiências traumáticas e pela idade. Foi minha primeira surpresa: Frankl era um senhor de idade, sim, mas tinha uma certa corpulência e não era nada frágil. Pelo contrário, era muito ativo, transmitindo grande energia, demonstrando um grande interesse pelos outros, com uma fluência verbal muito grande e uma capacidade enorme de interessar os outros quando falava.

Por estar na organização do evento, tive algumas oportunidades de contato mais pessoal com Frankl. Quando lhe apresentei aquela edição que comprou de seu livro em 1977, pedindo-lhe um

autógrafo, ele aceitou. Antes, contudo, examinou detalhadamente a capa e contra-capas e folheou o livro. Interessava-se detalhadamente por aquela edição de bolso, parecendo vê-la pela primeira vez.

Em outro momento, foi gentil, escrevendo, em inglês, na programação do evento, uma frase a mim dirigida – “Para Paulo Kroeff, para lembrar-se” e assinou. Tive também a oportunidade de coordenar a mesa de uma de suas conferências, em que Frankl demonstrou a sua enorme capacidade de eletrizar seu público.

Em outra ocasião, quando o acompanhei em uma entrevista para a televisão, ouvi-o contestar o repórter de um jornal que na sua pergunta pretendia induzir que ele teria começado a desenvolver a logoterapia depois da vivência nos campos de concentração. Frankl foi muito enfático em dizer que a logoterapia já estava desenvolvida àquela época, e que aquelas vivências haviam sido somente o campo de prova que comprovava o acerto de sua teoria.

Ainda naquele evento de 1984, foram criadas a Sociedade Brasileira de Logoterapia, e a Sociedade Latino-americana de Logoterapia.

Em 1986, no III Congresso Mundial de Logoterapia, em Buenos Aires, em um breve contato de Frankl com a delegação brasileira, tivemos a oportunidade de vê-lo brincando e fazendo piadas, num excelente estado de humor, que também foi demonstrado nas conferências que proferiu no Congresso.

Na sua opinião, qual a importância da logoterapia para o contexto da América Latina.

O neto de Frankl, Alexander Vesley, em 2010, no Congresso de logoterapia ocorrido em Curitiba, quando foi criada a Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial - ABLAE, comentou que Frankl tinha um carinho especial pela América Latina. Disse que na família, sempre sabiam que era dessa região que ele voltava, no retorno de suas muitas viagens pelo mundo, pois ele vinha especialmente entusiasmado e satisfeito com os contatos que fizera.

Creio que este entusiasmo e interesse é mútuo. A logoterapia de Frankl tem alcançado um desenvolvimento muito grande na América Latina. Diversos livros e muitos artigos tem sido publicados. Muitas associações de logoterapia tem sido criadas e várias Universidades já estão desenvolvendo pesquisas com a logoterapia em seus programas de graduação e pós-graduação. Os conceitos de Frankl, com sua ênfase na liberdade e na responsabilidade, no sentido da vida a ser descoberto e concretizado através de valores, tem muito a oferecer à América Latina. Já se disse que o “futuro” da logoterapia está em grande parte nesta região do mundo.

Como avalia o futuro da logoterapia no Brasil?

Vejo com muitos bons olhos o futuro da Logoterapia no Brasil. Há um interesse crescente e uma curiosidade muito grande, especialmente entre os jovens, em conhecer as propostas de Frankl, apoiadas,

em parte, no humanismo e no existencialismo. A atualidade da logoterapia para o nosso tempo, em que se acentuam perda de tradições, crises de valores, abundância de possibilidades de escolha, e ao mesmo tempo, dificuldades em exercer a liberdade que elas proporcionam com a conseqüente responsabilidade que advém de exercer essa liberdade, propicia um interesse crescente pela logoterapia. Nosso desafio é torná-la mais conhecida.

Qual a sua mensagem para a nova geração de logoterapeutas?

A declaração frequente de Frankl de que a Logoterapia não é uma teoria completa, que sua obra não está acabada, é um convite e um desafio para continuar a obra da qual Frankl elaborou os fundamentos e indicou suas possíveis aplicações, além da psicoterapia, sua mais evidente aplicação. Há muito a demonstrar do valor desta teoria e contribuições para a saúde, a educação, o trabalho. Há muito a se fazer, tanto na área individual, como na família, nas instituições, na sociedade em geral. É importante que as experiências exitosas, os avanços, as dificuldades sejam registradas e relatadas em eventos científicos. Para o progresso da logoterapia é importante a realização e divulgação de pesquisa, principalmente nas universidades. A publicação de artigos científicos e de livros, que vêm crescendo, certamente é uma das tarefas que devemos priorizar, juntamente, com a criação de instituições e grupos dedicados ao estudo, à formação e aos avanços da logoterapia. Estas, com certeza, podem ser vistas como tarefas com sentido, a melhor homenagem que se pode prestar ao mestre Viktor Emil Frankl.